



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**MODALIDADE A DISTÂNCIA**

**CRISTINA CORDEIRO DE MUNIZ RODRIGUES**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E  
REFLEXÕES**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2018**

**CRISTINA CORDEIRO DE MUNIZ RODRIGUES**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E  
REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia Modalidade a Distância da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, em cumprimento as exigências para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Ms. Ivana Maria Medeiros de Lima

**JOÃO PESSOA – PB**

**2018**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R696c Rodrigues, Cristina Cordeiro de Muniz.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E  
REFLEXÕES / Cristina Cordeiro de Muniz Rodrigues. -  
João Pessoa, 2018.  
38 f.

Orientação: Ivana Maria Medeiros de Lima.  
Coorientação.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE/BS.

1. Contação de histórias. Educinfantil. Aprendizagem.  
I. Lima, Ivana Maria Medeiros de. II. . III. Título.

UFPB/BC

**CRISTINA CORDEIRO DE MUNIZ RODRIGUES**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS E  
REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 13 / 06 / 2018

**BANCA EXAMINADORA**

*Ivana Maria Medeiros de Lima*

Profa. Orientadora Ms. Ivana Maria Medeiros de Lima  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

---

Profa. Dr. Idelsuite de Sousa Lima

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

---

Profa. Ms. Nathália Fernandes Egito Rocha

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico este trabalho a Deus, aos familiares,  
professores e amigos, por terem sido  
fundamentais nesse processo de aprendizado e  
a todos aqueles que de forma direta ou indireta  
nos ajudaram nessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que é o Senhor de todas as coisas, a Jesus Cristo, amigo sempre presente, sem o qual nada teríamos feito, por ter guiado e iluminado nossos caminhos, por atender as nossas orações, nos dando entendimento em tudo que necessitamos. Por ter nos enviados verdadeiros amigos os quais foram anjos em nossas vidas, pois estavam sempre nos ajudando nos momentos difíceis.

Aos familiares, que sempre incentivaram nos sonhos e estiveram sempre ao nosso lado, pela compreensão e apoio nas horas ausentes.

Aos professores, por seu carinho, atenção, e por sua orientação, que nos permitiu concluir este trabalho.

*Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.*

(FREIRE, 1997)

## RESUMO

A “contação de histórias” é uma das práticas mais antigas que se tem registro da humanidade. Compreende-se que através da contação de histórias é possível aprender e desenvolver o respeito por nossos semelhantes, distinguir o certo, dar valor aos sentimentos humanos. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é analisar o papel ou contribuição da contação de história para o desenvolvimento da criança e como ela contribui para o desenvolvimento das crianças que frequentam a educação infantil. A pesquisa justifica-se porque entendemos que ao explorar a contação de histórias de forma prazerosa, possibilita-se aos sujeitos processos de elaboração acerca do vivido e de conceitos que interessam ao professor desenvolver, o que, por sua vez, contribui com o desenvolvimento infantil, beneficiando sobremaneira seus processos de desenvolvimento da linguagem na educação infantil. Metodologicamente, trabalhou-se com a revisão bibliográfica a fim de construir e confirmar o referencial teórico e, para a realização da pesquisa de campo empregou-se a aplicação de questionários com questões abertas e fechadas. O trabalho permitiu avaliar o que as professoras pensam e acreditam, no caso o imaginável da contação de histórias como prática metodológica de ensino, uma vez que essa prática potencializa, de forma dinâmica o ensino na prática escolar. As contribuições e fundamentações teóricas deste trabalho baseiam-se em autores como: Teixeira (2010), Abramovich (1997), Prado (2005), Moura (2010), Coelho (2001), dentre outros.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Educação infantil. Aprendizagem.

## ABSTRACT

"Storytelling" is one of the earliest records of mankind. It is understood that through storytelling it is possible to learn and develop respect for our fellow men, to distinguish the right, to give value to human feelings. The purpose of this course completion work is to analyze the role or contribution of storytelling to child development and how it contributes to the development of children attending early childhood education. The research is justified because we understand that by exploring storytelling in a pleasurable way, it is possible for the subjects to elaborate on the lived and concepts that interest the teacher to develop, which, in turn, contributes to child development, benefiting greatly its processes of language development in early childhood education. Methodologically, we worked with the bibliographical review to construct and confirm the theoretical reference and, for the accomplishment of the field research, the application of questionnaires with open and closed questions was used. The work allowed to evaluate what teachers think and believe, in the case of the storytelling story as a methodological teaching practice, since this practice dynamically enhances teaching in school practice. The contributions and theoretical foundations of this work are based on authors such as: Teixeira (2010), Abramovich (1997), Prado (2005), Moura (2010), Coelho (2001), among others.

**Keywords:** Storytelling. Children's Education. Learning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, O DESENVOLVIMENTO E AS CRIANÇAS.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A Contação de Histórias: considerações iniciais.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 A Contação de Histórias: contribuição para o desenvolvimento .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 A Necessidade da Contação de História na Sala de Aula .....</b>	<b>21</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Tipo de Pesquisa .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 Os sujeitos da Pesquisa.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3 Instrumentos Utilizados na Coleta de Dados .....</b>	<b>24</b>
<b>3.4 Procedimentos de Coleta de Dados .....</b>	<b>25</b>
<b>4 CONDEIRAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Compreende-se que através da contação de histórias é possível aprender e desenvolver o respeito por nossos semelhantes, distinguir o certo do errado e dar valor aos sentimentos humanos. Ao entrar neste tema, procurei enquanto aluna e professora, me informar e me envolver com um conteúdo que é ao mesmo tempo tão importante e tão discutido, tanto no passado quanto no presente.

As histórias estão em nosso dia a dia, constituindo e significando nossa existência. Quando ouvimos um caso que nos interessa, saímos contando e comentando, mesmo sem nos darmos conta de que ao contarmos fazemos comentários positivos e/ou negativos a respeito do assunto, além de inserirmos nossa visão de mundo sobre as histórias.

Ser um contador de histórias é ser também um formador de ideias, o que caminha no mesmo sentido do trabalho desenvolvido por professores envolvidos com uma educação de qualidade. Outro aspecto a ser considerado é o trabalho a ser desenvolvido com crianças da Educação Infantil, para as quais a contação de histórias se faz presente quase que diariamente, o que me fez buscar conhecer e melhorar meus conhecimentos sobre a contação de histórias para a educação infantil.

Considerando a forma como o uso dos contos vem sendo desenvolvido e ministrado em algumas escolas públicas, depara-se com algumas atitudes, no que diz respeito às crianças pequenas, que ouvem histórias, e pelo processo de imitação aprendem também a contá-las, o que pode beneficiar sobremaneira seus processos de desenvolvimento da linguagem na educação infantil. A forma como são transmitidas e utilizadas por alguns educadores serve apenas para que este possa codificar e decodificar palavras? Ou seja, ele consegue ler os textos? Porém não consegue estabelecer uma relação entre os textos escritos e seus significados? Deste modo, o questionamento que norteia essa pesquisa é: como a contação de história é realizada na sala de aula da educação infantil?

Assim temos como objetivo geral: analisar o papel ou contribuição da contação de história e como ela contribui com o desenvolvimento das crianças. E como objetivos específicos: descrever como a contação de histórias influencia no desenvolvimento das crianças; identificar a contação de história como uma arte que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecia narrativas; discutir sobre a necessidade da contação de histórias na sala de aula.

Por meio da contação de histórias é possível trabalhar a socialização, a recreação, a formação, a informação, a atenção, o enriquecimento da linguagem, o estímulo à imaginação

e a inteligência, as emoções, o desenvolvimento do pensamento crítico e artístico-literário, desenvolver o hábito da leitura e ensinar a escutar.

Este trabalho de conclusão de curso justifica-se porque esperamos oferecer uma relevante contribuição para que os profissionais da educação infantil revejam a sua postura profissional no tocante ao processo pedagógico da contação de histórias na escola, pois é a partir da análise crítica e da prática que podemos intervir para modificar uma realidade diferente daquela que seria ideal para o desenvolvimento favorável da nossa prática.

A contação de histórias tem como papel resgatar não apenas o imaginário mundo da criança, uma vez que ela encontra meios de compreender melhor o ambiente social em seu contexto geral e em determinadas situações de sua vida, resgatando os valores afetivos, sociais e educativos na educação infantil. Sendo assim, a pesquisa foi realizada a partir dos pressupostos de vários autores que trabalham nesta área, tais como: Teixeira (2010), Abramovich (2005), Prado (2012), Moura (2010), Coelho (2001), dentre outros.

A pesquisa de campo foi realizada através de uma abordagem qualitativa, tendo como objeto de estudo uma escola pública, que foi fonte de coleta de dados. O objeto foi abordado no seu próprio espaço e a coleta de dados realizada no ambiente pesquisado, em que os fenômenos aconteciam.

O presente estudo foi dividido em cinco capítulos: o primeiro capítulo trata da introdução, abordando a contação de histórias de maneira genérica; o segundo capítulo trata de forma mais específica da contação de histórias, o desenvolvimento e as crianças dentro do processo de aprendizagem, ressaltando-o como fonte do conhecimento, e destacando o papel do professor no desenvolvimento cognitivo infantil e na formação social da criança; o terceiro traz a metodologia por intermédio de uma revisão de literatura e de campo; o quarto, as análises e discussões; e no quinto e último capítulo, as considerações finais. Espera-se que esta pesquisa somada à literatura a respeito desta temática, possa dar sua contribuição, uma vez que a utilização da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem contribui de maneira significativa para o desenvolvimento social e cognitivo da criança.

## 2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, O DESENVOLVIMENTO E AS CRIANÇAS

### 2.1 A Contação de Histórias: considerações iniciais

A inquietação com a educação das crianças pequenas tem nos levado a pensar meios de ministrar a educação nas escolas municipais valorizando e cedendo espaço para a atividade lúdica dentro das escolas, local este onde as crianças passam a maior parte do dia nos anos iniciais de sua escolarização.

Como educadores devemos nos atentar em resgatar a qualidade de vida, visando o desenvolvimento intelectual feito de forma planejada. Nesse sentido, o contar histórias é um meio de transmitir para a criança o conhecimento de forma lúdica, pois por meio das mesmas, a criança aprende conceitos e conteúdos históricos produzidos pela humanidade, uma vez que no simples momento em que sentamos e falamos à criança estamos proporcionando a esta “a transmissão da cultura de um povo” (TEIXEIRA, 2010, p.14).

Através da contação de histórias o professor pode esboçar a agregação de atividades lúdicas, utilizando-a para a ampliação do conhecimento. Pensemos o contar de histórias utilizado de forma a anteceder a brincadeira, pois muitas vezes utilizando os personagens da história durante a brincadeira, a criança tem a oportunidade de inserir e assimilar os papéis sociais. É o momento em que os personagens das histórias ouvidas são materializados no brinquedo ou na própria criança promovendo a significação do que se está assimilando durante a interação.

Teixeira (2010, p.26) traz a percepção de Platão sobre a visão do brincar mais voltado para a aprendizagem e para o social, sendo que este filósofo “ressaltava a importância de se aprender brincando”. Segundo a autora “pelo brinquedo ela reproduz tudo o que há na sua realidade, ou seja, um dos objetivos do brinquedo é substituir objetos reais para que a realidade possa ser manipulada” (TEIXEIRA, 2010, p.26). Assim, a criança entende a realidade em que vive e, por meio da fantasia, abstrai tudo o que está aprendendo de forma prazerosa, apropriando-se de novos conhecimentos.

Segundo Teixeira (2010, p.22) durante as brincadeiras e circunstâncias lúdicas planejadas a criança desenvolve suas “habilidades cognitivas e motoras” descobrem e pensam sobre o que vivem e como vivem dentro da cultura da qual fazem parte, tendo a chance de transformar essa realidade por meio da imaginação e da criatividade natural da criança.

De acordo com a realidade em que convivemos, a criança inicia sua vida dentro de unidades escolares, sendo a primeira delas as creches e depois a escola de Ensino

Fundamental devido ao ritmo de vida dos pais que precisam trabalhar em período integral, os alunos fazem uso constante dos aparelhos eletrônicos, o que os leva a um viver isolado.

Dessa forma, os educadores devem cada vez mais mover-se e preocupar-se com o que estão ensinando e como estão ensinando essas crianças, pois se tratam de pessoas em formação. Segundo Teixeira (2010) na Idade Média, as brincadeiras e as histórias eram formas de estreitar as relações sociais com uma diversão compartilhada, enquanto que nos dias de hoje percebemos uma frieza preocupante, em que os aparelhos eletrônicos tomam lugares destas relações construídas na interação social.

Teixeira (2010, p.39) diz que “a liberdade de expressão que há no jogo possibilita a representação de coisas significativas”. Dessa forma, a criança constrói, se integra, socializa-se nas brincadeiras grupais realizadas em ambientes propícios ao ensino, levando em consideração que o ambiente concreto pode e deve ser modificado possibilitando a imagem vista, ajudar no acesso a imagem criada no mundo imaginário, tanto quando uma criança ouve uma história, quanto quando ela reconstrói uma história que ouviu ou até mesmo cria uma história própria geralmente com personagens remontados, retirados de sua bagagem de conhecimentos.

Teixeira (2010) expõe em seus estudos que Vygotsky e Froebel tinham a mesma concepção de que por meio do desenvolvimento lúdico a criança expõe sua “capacidade representativa” enquanto se socializa interagindo com os demais, tanto crianças, quanto adultos, porque nesse momento ela se abre e se expressa com liberdade, sendo esse o momento mais interessante, para inserir dados novos para que as crianças tenham a oportunidade de socializar o novo, construindo e desconstruindo por meio das conversas diversas o assunto dado, promovendo assim o conhecimento.

Quando a criança fantasia, ela extrapola as regras até porque essas não existem (da forma como os adultos a ensinam). No mundo da fantasia o que existe são meios de representá-la simplificando de acordo com o pensamento da criança para abstraí-la, e assim entender o mundo adulto que a cerca.

As histórias enriquecem a vida das crianças e ajudam no processo de alfabetização, de letramento e corroboram também na formação do leitor, como ressalta Abramovich (1993, p.16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

É neste momento que a criança tem a chance de utilizar a imaginação para se transformar em outra pessoa, como, por exemplo: na mãe, na professora ou na princesa da história que ela ouviu e mais gostou, levando em consideração que criança sempre vai associar o imaginário ao real porque isso faz parte do amadurecer das suas ideias no momento da internalização intrapessoal.

Aparentemente tudo vira fantasia, mas na realidade a criança está fazendo um trabalho intelectual de devaneio da forma que lhe é mais lógico internalizar, pois é neste momento que a criança pode: “interagir segundo padrões não determinados pela realidade do espaço social em que vive e ultrapassar os limites que lhe são apresentados” (PRADO, 1998 apud TEIXEIRA, 2010, p.23).

O meio escolar é o ambiente favorável para o acontecimento deste aprendizado, mas para tanto é preciso que o professor esteja atento às possibilidades de que dispõe dentro da escola, sendo a biblioteca um espaço cultural imprescindível para que o gosto pela leitura seja desenvolvido. Abarco aqui a contação de histórias como parte essencial a ser realizada no espaço escolar:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é um caminho infinito de descoberta e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1997, p.16).

É nesse sentido que resguardar-se a contação de histórias, por considerar que ao escutar histórias a criança, por meio de diferentes formas de linguagens (fala, gestos, imagens), expressos por quem a conta, tem a atividade mental acionada, conhecendo através da imaginação mundos que lhe é diferente daquilo que ela vive no cotidiano.

Na brincadeira de faz de conta doutrinada através das histórias, a criança tem a possibilidade de ser um adulto de “mentirinha” e assim significar as regras sociais que lhe são impostas, além de analisar seu comportamento e o do adulto colocando dentro de sua fala o que ela acha certo, falando como um adulto e ensinando para outra criança ou para o amigo imaginário o que ela já abstraiu.

Segundo Vygotsky (1998, p.136), “sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato”. Dessa forma, a contação de histórias contribui com o desenvolvimento das estruturas mentais da criança possibilitando o aprendizado prazeroso e auspicioso de maneira lúdica, cedendo espaço para a internalização enquanto a criança brinca sozinha no seu mundo de faz de conta.

O professor como mediador do conhecimento precisa estar cauteloso à maneira como ele conta as histórias, se ele está usando a entonação correta, que visa colaborar com a imaginação da criança para levá-la ao mundo dos sonhos. A fala de uma pessoa desanimada não empolga ninguém, bem como a fala muito eufórica atrapalha e atropela aquele que ouve, não cedendo espaço para a leveza que se deve ter na fala do locutor da história.

O professor deve agir como um canal para o aluno “ligar” a sua mente ao que ele está ouvindo, desencadeando os processos mentais que o levam a imaginar, sendo esta uma forma de mediação da parte do professor nos anos iniciais do ensino escolar.

Sabe-se que o desenvolvimento da criança é gradual, ou seja, ela não aprende tudo de uma vez. Com base nessa ideia, cabe ao professor mediador preparar formas de ensino de acordo com a idade da criança respeitando o seu tempo para aprender e dando oportunidade para conversações entre os alunos, na busca de compreensão do que está sendo ensinado.

A idade do aluno deve ser respeitada, apontando o melhor aproveitamento possível do ensino a que se propõe:

Quando se demonstrou que a capacidade de crianças com iguais níveis de desenvolvimento mental, para aprender sob orientação de um professor, variava, enormemente, tornou-se evidente que aquelas crianças não tinham a mesma idade mental e que o curso subsequente do seu aprendizado seria, obviamente, diferente (VYGOTSKY, 1998, p112).

O professor com olhar mais atento sabe que não pode valer-se somente ou apenas da linguagem mais elaborada e científica nos anos iniciais, época esta em que a criança aprende melhor quando o professor valoriza o ensino de forma lúdica, respeitando esse momento em que a criança está se familiarizando com a escrita.

Sendo este o melhor momento para o mediador ampliar nas crianças o espírito de colaboração por meio da formação de grupos e valer-se das rodas de conversa, entre outros para a explicitação de ideias, visando à aproximação das crianças, sob o olhar do pedagogo.

## **2.2 A Contação de Histórias: contribuição para o desenvolvimento**

Levando em consideração que durante toda a vida escolar será solicitado para que a criança analise e interprete problemas e situações, nesta fase é importante ensinar a criança a ouvir, analisar e interpretar por meio do exercício do diálogo, pensando no seu nível de desenvolvimento mental.

Utilizando-se o meio lúdico da contação de histórias pode se colocar uma ponte entre o aprendiz do agora com aquele que virá a ser. Dessa maneira, o pedagogo realiza um trabalho no agora pensando nos benefícios deste empenho para o desenvolvimento da criança no amanhã, planejando a formação do nível do “desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas” (VYGOTSKY, 1998, p.110).

Pensando no adiantamento proximal dos alunos o contador de histórias irá aproveitar a oportunidade para estabelecer relações entre o que os alunos aprenderam mais teoricamente relacionando com a prática, pois é este o melhor momento para utilizar a linguagem para expor suas convicções para, a partir de então, abstraí-las e internalizá-las.

Diante do exposto, entendemos que:

Contar histórias uma arte sem idade, a autora relata sua experiência como contadora de história transmitindo ricos ensinamentos baseados em sua prática que servem como fonte de estudo e experiência concreta (Moura, 2014, p.45).

Assim, a prática de contar história perpassa a faixa etária, sendo considerada um ato que não depende da idade, e sim, pode ser considerada com uma forma em que o professor poderá transmitir conhecimentos de forma lúdica por meio da ação concreta.

Coelho (2001, p.8) pergunta ao seu interlocutor, quem é que “não se lembra de uma história ouvida na infância” e a seguir ressalta a importância do modo como se deve contar histórias com seus “segredos e técnicas”, tendo como principal instrumento a linguagem.

O contador de histórias se faz na coexistência com seu interlocutor, ao avaliar as aprovações e reprovações que os ouvintes expressam diretamente por meio da opinião, ao terminar a história, ou indiretamente por meio das suas ações e gestos enquanto ouve a história por meio da linguagem corporal.

Coelho dá algumas ideias que ajudaram o professor presente a melhorar o seu saber fazer enquanto contador de histórias e uma delas é o carro biblioteca que “encanta pessoas de todas as idades sendo um convite à leitura independente da condição social em que vive” (COELHO, 2001, p.10) e todas as pessoas, pois acima de tudo toda pessoa aprecia uma boa história e ao ouvir acaba refletindo sobre o tema abordado mesmo que não tenha intenção.

Fazendo uma ponte entre o real e o fantasioso a história ensina, encanta, diverte e desenvolve o imaginário acionando a memória. O intérprete da história deve ter o cuidado de contá-la sem modificá-la, pois sua função é emprestar “vivacidade” caprichando na “linguagem oral” (COELHO, 2001. p.11).

O narrador de história se autodescobre, quando conta, como conta, pois ele reacende em si mesmo a própria criatividade enquanto interpreta e se auto planeja, manipulando suas próprias ações. O contador de histórias não a conta por contar, ele tem uma finalidade: seja transmitir conhecimento, moral ou distração, mas há sempre uma intenção. Como professor pode-se unir o útil ao agradável ensinando o lúdico das histórias associado com brincadeiras, desenvolvendo na criança, potenciais diversos tanto cognitivos quanto físicos e sociais com relação à interação que esse processo pode proporcionar quando bem planejado, sendo esta uma forma ampla de educar.

Segundo Coelho (2001, p.12) a criança que ouve histórias desde pequena “provavelmente gostará de livros”, pois sua atitude de leitor se faz presente quando ela procura ler a história que um dia alguém leu para ela antes dela saber ler, outrora enquanto ouvinte. Sendo que mesmo enquanto a criança não sabe ler, ela pega o livro e por meio do imaginário e da memória ela reconta a história que ouviu, neste momento ela se desenvolve. (VYGOTSKY, 1998), pois aciona conhecimentos enquanto também os promove. Sendo que por meio da prática imitativa inicialmente; após surgirá o sujeito crítico e pensante com o passar do tempo, ao aprimorarem as ideias.

Coelho (2001, p.13) ressalta a importância do planejamento, pois para atingir o objetivo desejado a partir da contação de histórias se faz necessário um roteiro bem planejado, visando atingir os objetivos que servirão como metas a serem realizadas, para que não aconteçam improvisos que em nada ajudariam e para que se possa “fundir a teoria a prática”.

A comunidade local em que está fincado o aluno também deve ser estudada, a fim de realizar a “adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa” (COELHO, 2001, p.13).

O cuidado que se deve ter ao contar histórias abrange o estudo técnico sobre o assunto envolvendo a linguagem correta no momento da abordagem e da contação não por acaso, mas sim porque: “a história é um alimento da imaginação da criança, e precisa ser dosada conforme a sua estrutura cerebral. “A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança” (COELHO, 2001, p.14 ).

### 2.2.1 Contação de história e o desenvolvimento cognitivo das crianças

Com apoio nos estudos de Coelho (2001), a criança na fase pré-mágica, aos três anos de idade, prefere histórias de bichinhos, que envolva brinquedos, objetos, seres da natureza

com falas e características humanas, além do colorido que chama a atenção e agrada as crianças.

Entre os três e seis anos de idade a criança já consegue ouvir e prestar atenção em histórias mais longas com repetição, fase muito boa para se introduzir os contos de fadas e histórias seguidas de atividades de músicas e brincadeiras.

Com sete anos a criança gosta de histórias com aventuras onde se percebe a interação do personagem, pois ao abstrair a criança já sabe relacionar assimilando os conceitos de família e comunidade (TEIXEIRA, 2010).

Aos oito anos a criança aprecia histórias de fadas e histórias cômicas com um enredo mais abrangente (TEIXEIRA, 2010).

Aos nove anos de idade as histórias vinculadas à realidade que problematizam e dão oportunidade para momentos de crítica e reflexão são bem vindas e prendem mais este público (TEIXEIRA, 2010).

Com dez anos, a criança presta atenção em narrativas, mitos, lendas sendo um bom momento para inserir histórias que contam invenções, atividades científicas, oportunizando a criança a pensar na possibilidade de também ser uma inventora ou pesquisadora famosa e reconhecida; ideia essa que muitos levam como sonho para a fase adulta e o realizam (COELHO, 2001).

Os estudos das idades descritos podem ser encontrados no livro de Betty Coelho: *Contar Histórias uma Arte sem idade*, onde ela também explicita as fases da criança e propõe dois roteiros de teatros.

Segundo Coelho (2001) a criança incide pelas seguintes fases: pré-mágica e mágica, são momentos distintos de relevante interesse para a pesquisa, pois é um estudo que informa e assim transmite justificativas que ajudarão o professor no momento da escolha das histórias norteando quais objetivos ele pode traçar e qual a melhor metodologia para se trabalhar.

A importância do compasso e da repetição também foi estudada por Coelho (2001). Nas histórias é interessante proporcionar às crianças a possibilidade de interagir, pois na fase até os três anos a criança está aprendendo a falar, sendo importante para ela a interlocução com o adulto proporcionando momentos de interação e imitação de forma prazerosa, em que a função do educador não é corrigir, e sim informar aumentando a bagagem linguística da criança.

Já a partir dos quatro anos, idade em que a criança entra na pré-escola ela também entra na fase onde é apropriado interpretar se fazendo personagem e personificar os

brinquedos e objetos que encontra pela frente a fim de fazer a significação das coisas, algo que não é simples, sendo rico em desenvolvimento psíquico para o aprendiz.

Dos cinco anos em diante a criança está evoluindo em sua maneira de entender a história se tornando cada vez mais á medida que cresce um ouvinte mais aguçado e participativo, capaz de moldar e remontar a história que ouve recontando-a e ressignificando-a (COELHO, 2001).

Daí a obrigação do professor contador de histórias está atento com relação às idades dos seus interlocutores para que obtenha sucesso em suas metas. A fase mágica se estende até mais ou menos os sete anos de idade segundo Coelho (2001).

Segundo Coelho (2001, p.21): “uma vez escolhida a história passamos a estudá-la”. Isto porque o contador de histórias deve saber a história que conta, e em uma pré-leitura entender a mensagem, implícita nela e construir a maneira como irá contá-la.

Faz se necessário que o contador capriche no momento em que inicia a história, visto que: “a introdução constitui o contato inicial entre o narrador e o ouvinte, devendo ser enunciada com voz clara, pausadamente, uniforme” (COELHO, 2001, p.23).

É conveniente que ao elaborar a forma como contará a história, o contador crie meios de valorizá-la, como iniciá-la com uma boa introdução e terminá-la com uma boa música que de preferência trate o mesmo tema da história contada. Ao contar a história é interessante utilizar toda a teatralidade possível principalmente por meio da voz e da linguagem gestual, tão importante neste momento: “cantar no final, fazer gestos correspondentes, bater palmas para acompanhar eventuais trá...lá...lá..., ajudam a criança recompor-se emocionalmente, de modo alegre e prazeroso” (COELHO, 2001, p.26).

A história não deve ser transformada pelo contador, pois dessa forma corre-se o risco de apagar a sua essência, por isso, o contador deve escolher para contar histórias que ele goste e não omitir nenhum trecho da história no momento em que contar.

“Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso mais adequado de apresentá-la” (COELHO, 2001, p.31). Sendo admissível no momento do estudo desenvolver diferentes formas de contar uma mesma história, ganhando assim um repertório mais completo que será utilizado em diferentes momentos, divertindo assim tanto o locutor quanto o interlocutor da história.

O estudo da história a ser contada também permite ao professor inserir jogos e brincadeiras pertinentes ao tema da história contada, permite também a organização de pequenos grupos com quatro ou cinco alunos que recriem o final da história e apresentem para seus colegas de classe. Possibilita que a escolha do local para realizar este trabalho seja a

biblioteca, previamente organizada para receber os alunos, proporcionando curiosidade e conforto aos ouvintes (FERREIRA, 1998).

O diálogo após a história é de extrema importância, pois: “a conversa em torno da história é o momento ideal para atribuir as palavras um significado concreto, real, dirimir preconceitos, ideias falsas” (COELHO, 2001, p.37). Sendo esta uma forma de “interiorizar as formas culturalmente estabelecidas” (OLIVEIRA, 1997, p.38).

Segundo Oliveira (1997) a cultura apresenta os meios iniciais para o desenvolvimento psicológico da pessoa. Dentro do contexto social em que a pessoa vive, ela opera de forma ativa, no momento em que interage, e de forma passiva, no momento em que ouve, mas sendo o ser humano um ser pensante, a absorção da palavra e do conhecimento na realidade não se dá de forma passiva, visto que se tratam de momentos em que ocorrem “atividades internas intrapsicológicas” (FONTANA, 1997, p.38).

No cotidiano todos habitam ocorrer vários acontecimentos dentro do contexto social em que vivemos, sendo: “a vida um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um” (OLIVEIRA, 1997, p.38).

Ao ouvir histórias a criança tem ingresso ao mundo subjetivo por meio do imaginário ao mesmo tempo em que interiormente sonha e abstrai a história, da mesma forma realiza ligações mentais com momentos que já viveu e regras que já aprendeu, levando em consideração que estamos pensando em crianças da pré-escola, e assim é realizado um desenvolvimento cognitivo intrapsicológico (COELHO, 2001).

Contar histórias é atuar no momento do desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1998) de forma lúdica, a partir do instante em que ela é convidada para viajar na história enquanto está sendo contada, e após quando a criança é convidada a falar livremente sobre seus sentimentos com relação à história que ouviu e sobre sua interpretação da mesma. Assim: “um conhecimento anteriormente possuído dirige sua atenção e sua memória de forma deliberada, orientando sua percepção” (OLIVEIRA, 1997, p.78) tendo em vista que a criança memoriza a história fazendo ajuntamentos com o mundo real em que vive no momento em que conversa com seus colegas a respeito da história, ou mesmo com o professor.

Ao explicar sobre a teoria de Vygotsky (1998), Oliveira (1997) lembra que a relação da pessoa com o mundo ocorre no interior da vida social por meio dos instrumentos e símbolos e dessa forma realiza suas várias funções psicológicas. Sendo que por meio do aprendizado ele adquire conhecimento e neste sentido a contação de histórias age como um

dos: “mecanismos de aprendizado que movimentaram seus processos de desenvolvimento” (OLIVEIRA, 1997, p.78).

Ainda ao explicar Vygotsky e Oliveira (1997, p.78) relatam que:

O desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo dessa espécie está, pois, baseado no aprendizado que, para Vygotsky sempre envolve a interferência, direta ou indireta, de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados.

A contação de histórias faz parte de um mundo de sonhos e de alegrias. Conforme Teixeira (2010, p.66) “o adulto também pode, portanto estimular a imaginação das crianças, despertando ideias, questionando-as para que busquem soluções para os problemas”. Problemas que devem ser levantados no momento da interação por meio do diálogo a respeito da história contada, em conjunto professor e alunos, incentivando assim o desenvolvimento do imaginário da criança por meio da fantasia (CAVALCANTI, 2005).

Ao ouvir histórias a criança tem suas emoções acordadas, daí a necessidade de possibilitar a criança por meio da interação numa perspectiva histórico cultural (VYGOTSKY, 1998), poder pensar, duvidar, questionar e sugerir sobre a história, visando à construção do pensamento crítico da criança, vivido por meio de tais experiências.

Contar histórias é uma forma de dividir experiências e aprender com as mesmas. Desta forma, segundo Teixeira (2010, p.40) “podemos pensar que as atividades lúdicas cooperativas contribuem e oportunizam para as crianças momentos de expressão, criação e troca de informação”. A interpretação da história pela criança, por sua vez, permite extravasar seus sentimentos, sendo este um método eficaz tanto para a alfabetização quanto para a diversão.

Conforme Coelho (2001, p. 54) ao contar histórias é preciso métodos para “avivar-lhe a imaginação, facilitar a identificação e dar-lhe o prazer inefável que a história proporciona, no sentido de que não fique somente no divertir-se, chegue também no pensar, no assimilar”.

As histórias ensinam nas entrelinhas favorecendo o imaginário, a criatividade, sendo que para Teixeira: “a educação mais eficiente é, pois, justamente aquela que proporciona autoexpressão e participação social” (TEIXEIRA, 2010, p.39). Ao comentar a história, a criança se promulga, participa agindo de forma ativa na construção do seu pensamento, provocando o autodesenvolvimento:

A história é importante alimento da imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos acenando com esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida (COELHO, 2001, p.12).

A história acercar-se as crianças dos livros, porque estes são os lugares onde eles habitam, e assim as crianças são cativadas pela leitura, desenvolvendo sua capacidade de interpretação agindo por meio da interação ao socializar seu entendimento por meio do diálogo, a partir da ludicidade amadurece suas potencialidades crítica e persuasiva. Conforme as palavras de Coelho (2010) “a história quieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa”.

### **2.3 A Necessidade da Contação de História na Sala de Aula**

O professor dos anos iniciais tem a obrigação de formar alunos leitores. Para isso é preciso entrosamento entre aluno e professor, conhecimento sobre a vida escolar do aluno, percepção sobre o tempo das aprendizagens, pois a sala de aula é composta por uma diversidade de ritmos e níveis de aprendizagem, cada aluno aprende no seu tempo.

Segundo Corsaro (2005, p.18), “raramente as crianças são vistas de uma forma que contemple o que são crianças com vida em andamento, necessidades e desejos”. Por isso é imprescindível que o professor avalie a criança na sua totalidade, necessidades e desejos. Também, que apresente aos alunos o mundo da leitura de maneira interessante para que seu aprendizado tenha significado.

Para Ferreira (2011), não há um período acurado para que a criança estude, pois é indispensável que o professor oportunize circunstâncias e meios para que ocorra a aprendizagem e assim se envolva com a contação de histórias. A criança já tem contato com a leitura e a escrita antes de entrar na escola, pois se comunica no meio em que vive. Cabe ao professor levar em consideração esses conhecimentos prévios da criança, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento. Por isso, é necessário que os alunos tenham contato com as mais variadas formas de leitura e escrita para que se sintam estimulados a aprender.

Na visão de Solé (2009), os anos iniciais são o processo de conquista da leitura e da escrita. Enfatiza, ainda, que a escrita caminha junto com a leitura, que o conhecimento das letras desperta no aluno o desejo de saber o que está escrito e, que o escrito, transmite uma mensagem. A compreensão deste processo estimula o aluno a aprender a ler e a escrever, pois o ato de ler é essencial para viver em sociedade.

Nesse sentido, Jolibert (2006) diz que ler é se relacionar com o texto e incluir o que está escrito, sendo que nos anos iniciais observa-se a capacidade de escrever e ler com sentido e significado. Portanto, para formar crianças produtoras de textos, a autora argumenta ainda,

sobre a importância da sala textualizada, com cartazes, palavras, produções das crianças, que estimulam visualmente a leitura.

A sala de aula, configurada como um ambiente prazeroso, além de ter o alfabeto exposto, também deve ter um espaço para diferentes portadores de texto, pois as crianças precisam de estímulos para aprender. Também, salienta-se a necessidade dos recantos, que podem ser da leitura, com o intuito de dar vazão a criatividade e autonomia de cada aluno.

A leitura e a contação de histórias estão intimamente ligadas, pois são duas atividades que acontecem juntas. Nos dizeres de Cagliari (2009, p.88), “a contação de histórias, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é a interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala”.

Em analogia à contação de histórias, Abramovich (1997) afirma que o professor deve ler a história antes de exibi-la aos alunos para compreender a temática e saber o ritmo que o texto exige do contador:

Ouvir histórias é um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referências (ABRAMOVICH, p.24, 1997).

Por isso, cabe ao professor estimular a comunicação em sala de aula, criar condições para a aprendizagem, propor a leitura e a escrita de várias tipologias textuais, atuando como um facilitador das aprendizagens (JOLIBERT, 2006).

Assim, Abramovich (1997) afirma que a contação de histórias, além de propiciar um momento de descontração na sala de aula, auxilia os alunos a desenvolverem sua criticidade. Por isso é de suma importância conversar com as crianças sobre o que foi lido, questionando e instigando. Não é porque a literatura está presente na sala de aula que todos vão ler, ainda mais quando ler na escola está relacionado com trabalho, cobrança, nota.

Para alguém se sentir envolvido com a leitura, é preciso que se sinta apto para ler e compreender o texto, tanto sozinho, quanto com o auxílio de outra pessoa. Por isso, criar estratégias e metodologias para que os alunos leiam e escrevam sem se sentirem obrigados, é compromisso do professor (SOLÉ, 1998).

Neste contexto, a contação de histórias é uma atividade desenvolvida com o objetivo de estimular a leitura. Essa estratégia, quando utilizada de forma contextualizada e com o intuito de auxiliar os alunos em seu processo de leitura, oferece tanto para alunos quanto para o professor outra visão da sala de aula, pois a partir dela o educador pode avaliá-los,

identificando dificuldades e avanços, reforçando a ideia de que em momentos de diversão também se aprende.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 Tipo de Pesquisa**

Esta pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa de campo. Estudo de campo é o aprofundamento de uma realidade específica. É realizado por meio de observação direta das atividades do grupo estudado e de questionários com informantes para captar as explicações e interpretação do que ocorre naquela realidade (GIL, 2007).

Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa realizada através de uma abordagem qualitativa, tem como objeto de estudo de um “ambiente natural” que é a fonte de coleta de dados. O objeto foi abordado no seu próprio espaço e a coleta de dados realizada no ambiente pesquisado, em que os fenômenos aconteciam.

De acordo Ludke e André (1986, p.1), para que a pesquisa de campo se realize torna-se necessário que exista o diálogo “entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

#### **3.2 Os sujeitos da Pesquisa**

Foi aplicado um questionário com 4 (quatro) professoras e a partir das respostas obtidas, foi analisado o perfil dos informantes dessa pesquisa na educação infantil, cujo objetivo primordial foi analisar a contação de histórias, como meio pedagógico utilizado em sala de aula para que se possa compreender o processo de ensino aprendizagem.

Assim, em relação às professoras constatou-se que: são do sexo feminino e têm idades variadas dos 21 aos 35 anos; 2 delas possuem curso superior, todas lecionam já há mais de 5 anos e dizem em sua maioria terem a vocação para o magistério, ou que foram incentivadas por seus familiares.

#### **3.3 Instrumentos Utilizados na Coleta de Dados**

Foi aplicado um questionário com 10 questões, sendo 4 questões abertas e seis fechadas, em que se buscou responder as questões formuladas sobre a contação de histórias, com vistas a alcançar os objetivos citados na parte inicial deste trabalho, para que, desta forma, fosse possível colaborar com os estudos desenvolvidos na área e na socialização do

tema dentro da escola campo, escolhida para a pesquisa.

### **3.4 Procedimentos de Coleta de Dados**

Os dados foram coletados na Escola M.E.I. Celso Maurício de Pontes no Pré - I, através de um questionário. Segundo Gil (2010), o questionário é uma das técnicas mais usadas na coleta de dados no domínio das ciências sociais; é uma forma de interação social em que uma das partes se apresenta como fonte de informação e a outra busca coletar dados.

Os participantes foram esclarecidos quanto à finalidade e objetivo da pesquisa. O questionário foi aplicado no horário de funcionamento da escola sendo das 07h00min as 11h00min e das 13h00min as 17h00min horas. Para a aplicação estimou-se um tempo aproximado de 25 minutos. Foram aplicados em uma sala, respondidos individualmente e registrados pela própria pesquisadora.

A escola Municipal de Ensino Infantil Celso Mauricio de Pontes, está situada no centro da cidade de Sertãozinho-PB, atendendo a crianças pertencentes a um nível sócio econômico médio e baixo, atualmente, a escola pesquisadas funciona em prédios próprio, com estrutura física razoável, sendo considerável de médio porte.

Sua estrutura física é construída em alvenaria, coberta com madeira serrada e telha de cerâmica. Possui um piso com revestimento cerâmico e encontra-se em bom estado de conservação. O prédio é composto por 2 salas de aulas, 1 copa/cozinha, 2 banheiros, 1 diretoria, 1 pátio, e 1 área coberta. As salas de aulas são grandes com janelas gradeadas para uma maior segurança.

No que se diz respeito ao perfil dos alunos das escolas, estes não são diferentes da maioria das escolas da rede pública do estado. Os alunos, em geral, são filhos de domésticas, vendedores ambulantes, catadores de lixo, mecânicos, servidores públicos, professores, entre outros. Muitos têm pais desempregados ou que vivem da roça, e alguns são filhos de presidiários. Existem também alguns alunos que não têm pai, mãe e até mesmo os dois, sendo criados pelos avós ou outros familiares.

O presente questionário baseia-se nos relatos de 4 (quatro) educadoras da educação infantil de 1 (uma) escola pública do município de Sertãozinho, Estado da Paraíba, tem como cerne: A contação de histórias para os alunos da educação infantil, buscando a contação de histórias na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento da criança, e as possíveis propostas pedagógicas adotadas pelas mesmas para solucionar tal problemática que tem afetado de forma preponderante o processo de ensino aprendizagem.

Escolheu-se as professoras como sujeitas do questionamento, por serem as interessadas em encontrar alternativas para o problema. Portanto, dizemos que o professor é a “mola mestra do ensino”, ou seja, fato é que têm uma grande influência na prática pedagógica. De acordo com as dificuldades diárias que estas profissionais passam sua ação é indispensável para refletir sobre as dificuldades da contação de histórias nas escolas. Daí, afirmar que para o professor o desafio mesmo é diante da situação problemática que enfrenta: buscar uma ação eficaz a fim de reverter o quadro por vezes preocupante, que está presente no contexto escolar.

No tocante ao questionário, a segunda parte dele tratava-se das perguntas relacionadas à contação de história. Assim, a pergunta feita era o que se entendia por contação de História? Os professores responderam da seguinte maneira:

A contação de historia é um estímulo para desenvolver na criança a capacidade de interpretação e interação social (Professor 1).

A arte de contar histórias sempre existiu e foi sendo passado de geração em geração, pelas narrativas que avós e pais contavam para as crianças desde que se têm os primeiros resquícios na história dos seres humanos. A literatura pode fazer parte da vida de uma criança muito antes dela conhecer e ter a habilidade da leitura, para Freire (1994, p. 11), “a leitura do mundo procede a leitura da palavra”, ou seja, a leitura está em todo lugar, não só nos livros.

Momento onde vou trabalhar nas crianças a sua vivencia no mundo...(Professor 2).

Percebe-se que a hora do conto é um momento de suma importância para despertar o interesse da criança para a leitura e, sendo assim poderão desenvolver a criatividade e a imaginação contando histórias.

Entendo que está incentivando os alunos a ter gosto pela leitura, onde eles ficam atentos para ouvir a história (Professor 3).

Aproveitar o livro infantil como um instrumento pedagógico, pode ser considerado extremamente rico, pois a criança é capaz de se colocar no lugar do personagem e assim, aprender ou mudar sua visão, sua opinião, até mesmo opinar sobre o tema abordado.

A contação de história é uma expressão da própria contadora se a própria seja de forma livre, infracionada narrada, ou até mesmo adaptada que o professor pode desenvolver em suas aulas (Professor 4).

De acordo com Garcia (2003, p. 10):

Era uma vez... tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavrinhas mágicas que o encanto acontece, e nós, adultos e crianças, como que hipnotizadas, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por que isso acontece? Porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas.

Descreve-se assim a importância do ato de contar histórias para crianças no ambiente escolar. Para elas, na maioria das vezes, podem possibilitar a compreensão do mundo no qual vivemos.

As professoras que responderam ao questionário apresentaram uma proposta coerente para atender aos alunos na contação de história. E mesmos esses profissionais apresentam uma incoerência entre a proposta elencada por elas e as dificuldades em sala, demonstrando que os profissionais saem das instituições de ensino, mas ainda não dominam em sua completude a didática para efetuar uma proposta coerente e objetiva ao público almejado. Mesmo sendo realizados cursos de formação continuada para os profissionais. De acordo com Caldin (2001, p. 35) “o imaginário do conto de fadas é substituído pelo compromisso com a verossimilhança nas histórias infantis da atualidade que valorizam o cotidiano”.

Assim como a criança se habitua com a história que está sendo narrada, ela consegue visualizar semelhanças com o seu dia a dia. A voz é imprescindível para se narrar uma história, mas os acessórios podem complementar o trabalho no momento da apresentação oral. Assim, perguntou-se às professoras: “você conta histórias na sua sala de aula?”.

Quanto a esta pergunta, os professores afirmaram que sim e deram as seguintes respostas:

Sim. A roda de leitura faz parte da minha rotina diária, porque considero a leitura como uma forma prazerosa e significativa de desenvolver a oralidade e a imaginação no meu alunado (Professor 1).

Sim. É através da leitura que nós professores devemos incentivá-los a ter gosto pela leitura (Professor 2).

Sim. Para propiciar conhecimentos e reflexões as diversas personalidades e enriquecer o mundo interior (Professor 3).

Sim. Porque é uma forma das crianças interpretarem espontaneamente seus saberes, interagir melhor com os colegas e se apropriar da história contada (Professor 4).

Quando perguntadas se contam histórias na sua sala de aula, percebeu-se que há esta prática, porém com dificuldades de aprendizagem. As professoras responderam que sim, nesse contexto, entendemos que a professora tem uma sala de aula selecionada ou então está passando despercebido o aluno que possui alguma dificuldade leve e moderada. De acordo com Smith (2012, p.15), na realidade, a dificuldade de contar histórias é tão sutil que essas professoras não parecem ter problema algum.

O sétimo questionamento foi: “como você realiza a interpretação da história contada?”

Os professores deram como resposta:

De forma lúdica e sempre com a participação dos alunos (Professor 1).

Alguns autores se utilizam de objetos existentes no ambiente num ato espontâneo, mas há aqueles que planejam e carregam em malas luxuosas peças encantadoras. Segundo Brito (2003):

Também é possível sonorizar histórias usando objetos e materiais sonoros, aproximando-se dos recursos empregados nas antigas radionovelas, na época em que não havia televisão, e o ouvinte, ao escutar, imaginava toda a situação, enriquecida pela sonoplastia (BRITO, 2003, p. 163).

Realizo de forma simplificada, ouvindo a criança e contribuindo com o seu entendimento (Professor 2).

Barcellos e Neves (1995, p.18) lembram outras habilidades que a criança desenvolve e amplia ao ouvir histórias: “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento”.

Envolvendo a oralidade e através de desenhos produzidos por eles (Professor 3).

No momento que se emprega acessórios na contação de história valoriza-se e enriquece-se a narrativa, podendo transportar a criança para o mundo da imaginação com

mais facilidade e assim, permitindo para a criança-ouvinte entrar nesse mundo de conto de fadas.

Por meio de dedoches, fantoches, desenhos no quadro, ou seja, recursos que chamem a atenção das crianças, dentre os livros adaptados (Professor 4).

Observou-se que os alunos, principalmente aqueles que são tímidos ou mais acanhados se propuseram a contar histórias utilizando-se de figurinos e até outros objetos trazidos de casa.

De acordo com as respostas dadas, a interpretação da história contada é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, pois está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Através do hábito da leitura, o aluno pode tomar consciência do auto educar-se promovendo a sua transformação e do mundo.

Nos dias atuais percebe-se que o aluno apenas saberá a importância da leitura se desenvolver a rotina e perceber essa prática como um processo significativo. A leitura é a representação de uma cultura, sendo de essencial importância no aumento intelectual da criança.

Nota-se em algumas professoras, uma confusão no que se diz respeito à interpretação da história contada, pois na prática, não há uma receita pronta de interpretação, cada uma a seu modo, pensa estar trabalhando da melhor maneira possível.

Referente à oitava questão, “como você reage quando percebe que durante a contação as crianças estão conversando entre elas a respeito da história?”, os educadores deram as seguintes respostas:

Converso também com elas e assim elas vão me ajudando a contar a história (Professor 1).

Os alunos fazem algumas atividades em grupo e com isso, melhoram o comportamento e comprometimento de alguns alunos com o objetivo proposto.

Sou democrática e peço que elas falem para todos ouvirem, pois a compreensão parte também da fala (Professor 2).

Eles estão aprendendo a ouvir o que o colega preparou para eles e prestando atenção conseguem transmitir para outras pessoas, como os pais.

Peço que elas recontem a história para os colegas ouvir (Professor 3).

Há situações em que o aluno começou a contar a história sozinho, mas, no decorrer da narrativa ia chamando seus colegas para participarem junto com ele, fazendo com que aquele momento ficasse mais divertido e prazeroso para toda a turma.

Deixo elas um pouco livre, e escuto sobre a importância que a criança está falando sobre a história contada (Professor 4).

Nas respostas dadas percebeu-se que as professoras buscam neste momento, despertar o interesse dos alunos e, dessa forma, motivar a aprendizagem de maneira adequada. Paulo Freire e outros autores defendem um aprender brincando, ou seja, aprender de forma lúdica e motivadora. É esta também a linha de pensamento do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.

A nona questão foi: “ao longo dos anos você tem procurado se aperfeiçoar?”:

Sim, a cada dia vou tentando contar a história de forma diferente, utilizando fantoches, máscaras e outros recursos para tornar a hora da leitura ainda mais prazerosa (Professor 1).

Ao longo da história, já assistiu-se a grandes mudanças e inúmeras transformações. No âmbito educacional, é possível elencar várias das situações em que tais mudanças são sentidas no presente, principalmente nas salas de aula.

De acordo com Silva e Frade (1997):

Nas últimas três décadas, no Brasil, podem ser evidenciados três momentos políticos: a ditadura militar, o movimento de democratização da sociedade e os movimentos de globalização da cultura e da economia. Esses movimentos, segundo os autores, promoveram influências nos processos de formação continuada de professores no Brasil.

Sim. Pois é necessário acrescentar nossa bagagem para contribuir na aprendizagem das crianças (Professor 2).

Hoje, depois de quatro décadas após estes movimentos, percebe-se o quanto foi necessário os professores acompanharem os avanços advindos de inúmeros processos metamórficos, pelos quais passou e vem passando a sociedade.

Sim (Professor 3).

Sim. Pois a leitura é muito importante no desenvolvimento das crianças, começam a expressar melhor, entender e desenvolver sua própria história (Professor 4).

De acordo com os professores, percebemos que o aperfeiçoamento da prática de contar histórias tem relação com a prática pedagógica concernente ao aluno com dificuldade de aprendizagem e as educadoras demonstraram uma fragilidade em sua proposta, falta de planejamento e procedimentos metodológicos com vistas a encontrar a melhor solução para atender essa questão pertinente e emergente na sociedade contemporânea e que tem afetado o processo ensino aprendizagem, contribuindo com o fracasso escolar experimentado por muitos alunos.

Com a décima questão, buscou-se conhecer quais as sugestões de atividades que as professoras dariam para o educador trabalhar a Contação de História em sala de aula.

Foram obtidas as seguintes respostas por parte dos professores:

Minha sugestão é que todo educador coloque a contação de história na sua rotina e a faça de forma lúdica, prazerosa e significativa para que desenvolva na criança o gosto pela leitura (Professor 1).

A ludicidade com fantoches e livros (Professor 2).

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua sendo assim.

Através de fantoches, dramatizações e aventais (Professor 3).

Reconto da história, despertando na criança um melhor aprimoramento da mesma, por meio do desenho livre, a interpretação de uma nova história através de apresentação de forma livre (Professor 4).

Segundo Freire (2011) a leitura do mundo precede sempre à leitura da palavra. O ato de ler se projeta na experiência existencial. A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente.

Percebeu-se que a prática da contação de histórias pode ocorrer de muitas maneiras, mas é o próprio leitor que dita o seu interesse, as suas vontades e as motivações que o levarão ao hábito da leitura, pois para ler o leitor deve levar em consideração à influência que recebe do ambiente ao seu redor, ou seja, desde a sua posição para ler, aos instrumentos como o lápis, dicionário, livros que o auxiliaram nessa leitura. Assim, cita-se Martins (2007, p.85) que afirma que “cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante”.

Tendo em vista essa necessidade de usar os contos no desenvolvimento da leitura de alunos da educação infantil e diante das dificuldades para se chegar a esse objetivo já se observa em cenário nacional uma mobilização direcionada à necessidade de ensinar em tempo hábil cada aluno a ler e escrever. Para isso se faz necessário a formação continuada dos professores das séries iniciais visando aperfeiçoar a prática docente, repesando as questões inerentes à leitura e escrita na idade certa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas implicações, podemos dizer que desde os anos iniciais, antes dos alunos se apropriarem da leitura na contação de histórias, essa prática já pode ser desenvolvida com êxito em seus anos iniciais de escolaridade. Sendo assim, serão capazes de utilizá-la como prática discursiva com muita facilidade durante sua trajetória escolar. Ademais, eles se tornarão alfabetizados e letrados, compreendendo o que leem e o que escrevem, contribuindo para o seu crescimento pessoal e futuramente, para seu crescimento profissional e para o desenvolvimento da sociedade a qual estão inseridos.

Com base na reflexão mencionada neste estudo, é necessário compreender a prática pedagógica como elemento de produção do conhecimento. Dessa forma, ocorre a necessidade e precisão de refletir sobre como a contação de histórias pode beneficiar o desenvolvimento dos alunos que frequentam a educação infantil. Assim constitui-se em um trabalho feito pelo educador e também pelas pessoas que participam do aprendizado da criança, requerendo mudanças significativas acerca de práticas pedagógicas através da contação de histórias para o seu aprimoramento nas séries iniciais.

Nesse estudo foi possível verificar que as dificuldades da contação de histórias encontradas em sala de aula, em sua maioria, não são diagnosticadas corretamente, acarretando danos futuros ao desenvolvimento global das crianças. Já nas crianças que são diagnosticadas, observa-se que a sua inclusão na escola não condiz com o que apregoa a lei, uma vez que, garantem acesso e permanência das crianças com dificuldades de aprendizagem, mas não garante uma aprendizagem significativa para as mesmas.

A criança aprende com mais facilidade quando as atividades proporcionadas são significativas, envolvem o seu cotidiano social, fazendo-a se sentir um ser integrante do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, nada melhor do que trabalhar os contos de fadas, poesias, ou seja, os mais variados textos, para que a criança internalize um mundo de conhecimentos aliados às informações que cada sujeito traz consigo, de sua experiência de vida.

A contação de histórias é uma ferramenta de grande importância na formação do indivíduo enquanto sujeito pensante/criativo. O hábito da leitura aliado à escrita deve ser cultivado em sala de aula, e é papel do educador incentivar e estimular a criança a descobrir o universo das letras. Para isso, a relação entre a contação de histórias e a prática em sala de aula não deve ser vista de maneira dividida, mas sim, deve ser questionada e refletida para

que os professores tenham a oportunidade de pensar tanto sobre os conceitos que fundamentam suas práticas como em suas escolhas pedagógicas.

As práticas de contação de histórias devem continuar sendo influenciadas pela discussão sobre letramento, podendo efetivamente colaborar para o trabalho dos educadores, e, assim, contribuir para solucionar as questões das dificuldades de aprendizagem. Portanto, mais importante do que a discussão terminológica entre contação de histórias é a construção de uma visão de ensino associada à formação sociocultural dos alunos e a uma formação humana centrada na discussão de valores.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo, Scipione, 1997.
- BARCELLOS, G.M.F; NEVES, I.C. **A hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1995.
- BRITO, T.A. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- COELHO DA SILVA, M.B. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo, Ática, 2001.
- CAVALCANTI, L.S. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: Uma Contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n.66, p.185-207, maio/agosto 2005.
- FONTANA, R; NAZARÉ, M.C. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997. (série: educador em construção).
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez. 2011.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- LUDKE, M. O professor da escola básica e a pesquisa. In: CANDAU (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MARTINS, O.B; MOSER, A. O Conceito de Mediação em Vygotsky, Leontev e Wersh (Faculdade Internacional de Curitiba), **Revista Intersaberes**, v. 7, n.13, p.8-28, jan-jun, 2012.
- MOURA, Marlene de. **Contação de Histórias na Educação Infantil: Contribuições para o Desenvolvimento da Criança/ Marlene de Moura**. Capivari-SP: CNEC. 2014, 51p.
- OLIVEIRA, M.K; VYGOTSKY, L.S. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo, Scipione, 1997.

SMITH, C; STRICK L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**: um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SILVA, C.S.R; FRADE, I.C.A. Formação de professores em serviço. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 3, n. 13, 1997.

TEIXEIRA, S.R.Ol. **Jogos, Brinquedos, Brincadeiras e Brinquedoteca**: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wak ed, 2010.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

## APÊNDICES



**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB**  
**UFPB –VIRTUAL**  
**PÓLO DE APOIO PRESENCIAL DE DUAS ESTRADAS-PB**  
**APRENDENTE: CRISTINA CORDEIRO DE MUNIZ RODRIGUES**

**EMAIL: cmuniz2011@bol.com.br**

**Prezados Educadores,**

Estou realizando a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão do Curso – TCC a qual peço gentilmente a sua colaboração no sentido de ser participante ativo da pesquisa a fim de analisar “**A Contação de História e sua contribuição para o desenvolvimento infantil**”. A sua colaboração é de grande importância para a qualidade e consistência da minha pesquisa.

## QUESTIONÁRIO

### A – PERFIL DO PROFESSOR

1. Gênero:  
 feminino                       masculino
2. Idade:  
 18 a 25 anos               26 a 35 anos               acima de 35 anos
3. Qual é o seu nível de formação:  
 ensino médio     magistério     superior incompleto     superior completo
4. Há quanto anos exerce a atividade de docente?  
 menos de 1 ano     de 1 a 5 anos     de 6 a 10 anos     há mais de 10 anos

B – DESCRIÇÃO SOBRE A PESQUISA

5. O que você entende por Contação de História?

---

---

6. Você conta histórias na sua sala de aula?

( ) Sim      ( ) Não

Por quê?

---

---

7. Como você realiza a interpretação da história contada?

---

---

8. Como você reage quando percebe que durante a contação as crianças estão conversando entre elas a respeito da história?

---

---

9. Ao longo dos anos você tem procurado se aperfeiçoar?

---

---

10. Quais sugestões de atividades você sugere para o educador trabalhar a Contação de História em sala de aula?

---

---

Boa Sorte!

E muitíssima obrigada por ter participado da Pesquisa!